

Intitulé de l'épreuve :

PORTUGAIS - TRADUCTION

Nombre de copies :

1

Numérotez chaque page (dans le cadre en bas de la page) et placez les feuilles dans le bon sens.

Les victimes de l'État Nouveau ne veulent pas que les symboles de la dictature au Portugal subsistent.

Plus un musée consacré à Antonio Oliveira Salazar ni un pont baptisé Salazar, les victimes de l'État Nouveau considèrent que les symboles de la dictature au Portugal ne doivent pas subsister, selon les conclusions d'une étude réalisée par une équipe de l'Institut des Sciences Sociales de l'Université de Lisbonne. L'enquête cherche à savoir ce que pensent les victimes de la dictature, 90 ans après le coup d'état militaire du 28 mai 1926 qui mit un terme à la Première République et donna naissance à l'ancien régime.

L'enquête a questionné 131 personnes qui, pour des motifs politico-idéologiques, ont été victimes d'emprisonnement ou de détention, exil, clandestinité, licenciement de la fonction publique, expulsion du système éducatif, et ont déserté ou ont été réfractaires.

N°

1.13.

Pour la construction du musée, 51% pensent qu'elle ne devrait pas être autorisée, 23% y sont favorables, et 26% n'ont pas d'opinion. Mais sur la question du changement de nom du Pont Salazar pour Pont du 25 avril, les avis sont plus tranchés: 84% l'approuvent et seuls 5% désapprouvent. "Il y a une tendance au Portugal pour rejeter le maintien de quelques symboles liés à l'Etat Nouveau," selon Filipa Braimundo, coordinatrice de l'étude.

Filipa Braimundo a croisé quelques données de cette enquête avec une autre de l'ICS et est arrivée à la conclusion qu'il y a une différence notable entre le jugement que portent les anciens membres de l'opposition et de la résistance et celui de la population en général. 94% des victimes de l'Etat Nouveau avancent que ce dernier a eu plus de côtés négatifs que positifs alors que l'ensemble de la population tient des positions ambiguës: 47,2% portent un jugement négatif, 31,5% estiment qu'il y a autant de positif que de négatif, et 21,2% ont une impression plus positive que négative.

Une analyse ~~détaillée~~ ^{par classes d'âge} des réponses permet de comprendre que ce sont les tranches aux extrêmes qui portent un jugement plus positif sur l'Etat Nouveau - les plus âgés pour avoir grandi dans les décennies précédentes à la Guerre coloniale, et les plus jeunes parce qu'ils ne l'ont pas été en prise

avec les réalités de l'ancien régime.

L'enquête a également cherché à déterminer si les mesures de reconnaissance et de dédommagement ~~généralisées~~ prises par les gouvernements successifs depuis 1974 en faveur de la résistance à l'Etat Nouveau avaient été efficaces et suffisantes. On compte parmi elles les amnisties pour ceux qui ont fui le pays pour échapper au service militaire, la possibilité de réintégration de ceux qui ont été écartés de la fonction publique ou des forces armées pour motifs politico-idéologiques, la création d'une pension pour mérites exceptionnels dans la défense de la liberté et de la démocratie. Malgré cela, 71% des personnes interrogées considèrent que les victimes "n'ont pas encore obtenues la reconnaissance qu'elles méritent".

Les victimes de l'Etat Nouveau ont également jugé de façon très négative la façon dont la démocratie a traité les fonctionnaires de la PIDE/DGS. Pres de 95% estiment que "justice n'a pas été rendue", alors qu'à peine 65% de la population globale partage cet avis.

Le fait qu'une partie des fonctionnaires de la PIDE aient été détenus mais libérés dans la foulée a contribué à ce jugement négatif, explique l'enquêtrice. Des 2667 procès de fonctionnaires et collaborateurs de la PIDE soumis à jugement, deux tiers ont débouché sur des peines comprises entre un et six mois de prison, ajoute Filipa Trasmundo.

Intitulé de l'épreuve :

PORTUGAIS - COMPOSITION

Nombre de copies :

1

Numérotez chaque page (dans le cadre en bas de la page) et placez les feuilles dans le bon sens.

Os BRICS, acrônimo para Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul ("South Africa" em inglês) e o quadro informal de encontro dos dirigentes desses países, líderes das economias emergentes.

É apenas duas décadas, os canais comerciais deixaram de ser abertos somente entre os países em fase de desenvolvimento e os do primeiro mundo. A iniciativa dos BRICS, que leva os Chefes de Estado ou de governo a encontrar uma vez por ano, tenta unificar a nova realidade dos cambios económicos ditos "Sul-Sul" entre economias emergentes.

Pois a mesma globalização que induziu o crescimento económico gerando essa evolução (I) questiona sua durabilidade após a crise financeira de 2008 (II).

*

*

*

Nº

114

I) Os BRICS, símbolos do novo mapa econômico mundial.

Nas últimas décadas, a globalização dos mercados comerciais internacionais gerou um forte crescimento econômico nos países do terceiro mundo, ou seja, em fase de desenvolvimento.

Novamente iniciado pela China que tornou-se "usina do mundo", a mundialização que beneficia as economias emergentes tocou a Rússia, apenas saída da era comunista, o Brasil que em fim cumpria seu promissor estatuto de gigante da América Latina, a Índia, laboratório informático de primeiro plano, e a África do Sul, quem vibrou as costas pro Apartheid.

Se afastando do estereótipo do país pobre exportador de matérias brutas, os BRICS tornaram-se exportadores de serviços e bens industriais. Combinado com o consumo interno da nova classe média, essa (r)evolução econômica puxou o Produto Interior Bruto dos BRICS pra cima e revelou a necessidade de defender em comum os seus interesses. A dedicação do ciclo de ~~WTO~~ Doha da OMC em 2001 a apoiar essas novas forças mundiais e facilitar os negócios Sul-Sul foi uma primeira grande vitória. Os jogos olímpicos em Pequim e o Rio de Janeiro consagraram

a nova estatura desses países.

Infelizmente, a crise financeira de 2008 acabou com a fase desinterrupida de forte crescimento.

II) Fim duma era ou hora de razão?

O crescimento do PIB mundial depois da crise financeira iniciada nos Estados Unidos em 2008 freiou em tal proporção que investidores e grandes empresas do primeiro mundo tiveram que rapatar fundos para apoiar nas estruturas em casa. Para apoiar as mesmas, os consumidores tornaram-se "patriotas económicos" em vários países ricos, abaixando o mercado potencial dos BRICS. Para não melhorar a situação, Brasil viu os antigos demónios da má-gestão pública e da corrupção voltar à primeira página, enquanto a Rússia estava banida da União Europeia após invadir este da Ucrânia. Do seu lado, a China ficava de reinventar seu modelo económico privilegiando o consumo interno ao desenvolvimento exterior.

Pode ter parecido que passou hora dos BRICS, pois os motivos de optimismo são vários.

Primeiramente, as economias dos BRICS continuam de se completar de tal forma que necessitam um do outro: Rússia tem o petróleo que a China necessita, em cambio de que fornece os financiamentos que os Europeus

se recusam a dar. A Índia, destinada a competir com a China pela vaga de primeira economia emergente do mundo, continua sendo o fornecedor dos engenheiros informáticos que as BRICS precisam para apoiar desenvolvimento, África do Sul é a porta de entrada pelo mercado promissor da África e o Brasil o mesmo pela América Latina, além dos ferro, soja e outros bens que ele exporta para sustentar o crescimento industrial e demográfico do seu primeiro parceiro chinês. Essas complementaridades e a melhora da economia mundial são fortes incentivos a manter uma relação forte entre os BRIC

+

* *

Os elementos expostos nessa nota levam a apoiar a hipótese duma nova era dos BRICS sempre pra vir, e não sendo vestígio do passado. Pois pra acompanhar a vontade de seus povos de beneficiar mais igualmente dos benefícios da globalização, os BRICS terão que considerar ser promotores de mais democracia e justiça social.